

## ARA A JÚPITER DEPULSORI DEDICADA POR UM VETERANO DA LEGIO VII GEMINA

Por António Maria Mourinho

Este importante monumento apareceu enquadrado em um conjunto rectangular de alvenaria que formava o antigo altar-mor da igreja paroquial da pequena e sertaneja povoação de Saldanha, no concelho de Mogadouro, da medieval Terra de Miranda, quando se procedia a um arranjo do templo, por 1967<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Estas obras foram orientadas pelo meu amigo e condiscípulo Dr. Norberto Martins S.J., natural daquela povoação, que me deu logo conta do achado, por escrito, pedindo-me, simultaneamente, para que as estudasse.

Em Janeiro de 1968 transmiti o seu aparecimento a um auditório reduzido em uma comunicação que fiz na Sociedade de Antropologia e Etnologia, Faculdade de Ciências do Porto, e, logo a seguir, no Museu Arqueológico de Belém, juntamente com um elenco de vinte e nove documentos epigráficos, lusitano-romanos, aparecidos nesta região de Entre-Douro e Sabor, por mim identificados pela primeira vez, e, ainda inéditos.

Hoje, posso já acrescentar a essa lista mais uma dezena de outras inscrições romanas. A última apareceu em Maio (1973). É um pesado monolito, integrado em uma construção, onde se lê somente a primeira linha: *Silvio Silvani*. Está na povoação de Duas Igrejas (Miranda).

No mesmo local, apareceram ainda uma grande estela funerária romana, de dupla inscrição, e um plinto, de forma rectangular, de mármore branco cuja inscrição, ainda indecifrada, talvez seja votiva.

Estas lápides encontram-se ainda encostadas à fachada da mesma igreja paroquial, a qual conserva traços de estilo românico e assenta em um local de velhas tradições castrejas, com evidentes sinais de romanização.

A ara, de que damos notícia, é um altar de mármore, branco, e é o mais belo exemplar epigráfico até agora aparecido em todo o Nordeste português. Falta-lhe a parte inferior esquerda, com fractura recente, talvez feita quando a retiraram do local onde estava. O pedaço partido, que afectou parcialmente a última letra da 6.<sup>a</sup> linha, um M, não prejudica a leitura.

O monumento mede de altura 118 cm, 52 de largura e 32 de espessura.

Na parte superior, ostenta o focus circular que assenta num frontão ladeado por duas volutas, ornadas frontalmente por suásticas de seis raios incisos, muito frequentes em lápides romanas desta zona. Esta parte exhibe ainda decoração vegetal disposta com simetria.

A parte inferior é separada daquela por uma moldura incisa, relativamente ampla, feita a bisel.

Logo por baixo está a inscrição composta de seis linhas, com letras capitais, bem desenhadas e colocadas entre linhas paralelas de orientação.

Sobre o campo epigráfico, lemos:

**I. O. M. D.**  
**DOMITIVS**  
**PEREGRINVS**  
**VET~. L E G ' VII**  
**GE' P' F**  
**V S' L' M**

A sua interpretação parece não oferecer dúvidas:

I (*ovi*) O (*ptimo*) M (*aximo*) D (*epulsori*)  
 DOMITIUS PEREGRINUS  
 VET (*eranus*) LEG (*ionis*) VII  
 GE (*minae*) P (*iae*) F (*elicis*)  
 V (*otum*) S (*olvit*) h (*ibens*) M (*erito*)

Na primeira linha, temos iniciais separadas por pontos.

Na quarta, o que falta a VET..., em vez de ser representado por ponto, é substituído por uma suspensão nasal ~ , o til perfeito de hoje. Logo depois, vem o ponto.

Na mesma linha, a seguir a LEG, e na 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> as palavras são separadas por pequeninas folhas, *hederae distinguentes*, que não parecem de hera mas antes folhas de azinho ou sobreiro, árvores frequentes na região. É o primeiro documento epigráfico de toda esta zona transmontana que tem *hederae distinguentes* deste tipo.

O G da 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> linhas, representado com a espécie de vírgula sobre a parte inferior direita da curva maior é característico da escrita monumental romana do século III.

Millares Carlo dá-nos uma lâmina fotográfica de uma inscrição lapidar de Timgad com representação do G desta maneira e data-a do século III<sup>2</sup>.

Todo o conjunto decorativo e epigráfico é de boa execução, feito a bisel. De um modo geral foi bem respeitada a linha de orientação, tanto no campo epigráfico como na parte superior onde há decoração vegetal.

O conteúdo desta inscrição é de alta importância por muitas razões.

Com esta, são já sete as inscrições aparecidas nesta região e dedicadas a Júpiter, IOVI OPTIMO MAXIMO.

O D da primeira linha, relacionado com Júpiter, é com certeza abreviatura de D (*epulsori*).

<sup>2</sup> Millares Carlo, *Paleografia Espanola, Madrid, 1932, pág. 34 e fig. X.*

Já em 1913 J. Leite de Vasconcelos, referindo-se aos diferentes epítetos que os romanos dedicavam a Júpiter, *Conservator*, *Solutorius*, *Dolichenus*, *Depulsor*, transcreve o texto da única inscrição aparecida em Portugal, até então, dedicada a Júpiter *Depulsor*. Esta lápide encontrara-se em Dume (Braga) e o seu texto, segundo a restituição de Hubner, é o seguinte: [D] *epulsori* [Dv] *mia* [P] *ursina* [Em] *voto* [P]osuit. A lápide de Saldanha é o segundo exemplar.

Com o epíteto de *Depulsor* era invocado Jupiter em ocasião de desgraças ou quando apareciam prodígios físicos que a gente supersticiosa temia<sup>3</sup>.

Parece, porém, que este epíteto, *Depulsor*, tem sobretudo origem militar<sup>4</sup> o que estará de harmonia com o motivo deste altar, oferta de um veterano<sup>5</sup>.

O nome DOMITIUS poderá significar que, o legionário veterano seria um descendente de um *Domitianus*, a quem

<sup>3</sup> Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1913, pág. 225.

<sup>4</sup> Jorge de Alarcão, *Portugal Romano, Verbo*, 1973, pág. 161.

<sup>5</sup> Chegamos a pensar desdobrar o D em *Dolicheno*. São muitas as lápides romanas aparecidas em todo o império, sobretudo, na Germânia, na Ilíria, na Ásia Menor, no Norte de Africa e até na França dedicadas a Júpiter Dolicheno.

Estes documentos são frequentes nos séculos II, III e IV d. C, em que o culto ao Júpiter Dolicheno anda associado a soldados das legiões romanas que o trouxeram para o Ocidente da mesma cidade de Doliché, situada na Síria Comagena, no cruzamento das vias que iam de Germanícia Nicopolis e Cyrrus e Edessa, por Samosate e Zeugin (Pierre Merlat, *Jupiter Dolichenus*, P. U. F., 1960, págs. 1-5).

Era um lugar de passagem forçada para as legiões que iam à guerra contra os Partos e para os comerciantes que transportavam as suas mercadorias do Mediterrâneo para Eufrates e Ponto Euxino e vice-versa.

O mesmo autor fixa a importância relativa da cidade de Doliché, a partir do fim do II século, ou começo do III d. C.

Acrescenta ainda que o templo de Júpiter Dolicheno deve ter conhecido um esplendor idêntico ao do templo de Hierópolis no Egipto, pois só assim se explica a sua universal aceitação em todo o mundo romano.

Júpiter Dolicheno era representado na figura de um general romano, ostentando na mão direita um bipene e na esquerda um feixe de raios, de pé, sobre o dorso de um touro.



Ara votiva de Saldanha

o imperador do mesmo nome terá concedido o direito de cidadania a título pessoal e assim teria recebido o *praenomen* de DOMITIUS <sup>6</sup>.

PEREGRINUS, pode não ser um estrangeiro, mas apenas um *cognomen* de *Domitius*, pois não é raro encontrar, na epigrafia romana peninsular, o *nomen* e *cognomen* *Peregrinus*.

VETERANUS quer dizer, certamente, que o legionário havia cumprido os seus 25 anos de serviço militar, na LEGIO VII, após o que ficou livre.

LEG (*ionis*) VII GE (*minae*). Esta *Legio VII Gemina* foi criada por Galba, no ano 68, em 10 de Junho, no dia seguinte à morte de Nero<sup>7</sup>.

Quanto ao apelido PIA são unânimes os especialistas de epigrafia em atribuí-lo ao tempo de Septímio Severo. Garcia y Bellido fala no ano 200 ou pouco mais <sup>8</sup>.

O epigrafista Patrick Le Roux, autor de vários trabalhos sobre o exército romano a partir de documentos epigráficos <sup>9</sup>, atribue-o ao ano 197. A ara de Saldanha será por isso posterior a esse ano.

Quanto a FEL (*icis*) o mesmo Garcia y Bellido<sup>10</sup> admite que, este epíteto lhe tenha sido dado após uma bem sucedida e eficaz acção no Reno, pelos anos 73-74.

Assim, sabendo que a *Legio VII Gemina* terá recebido o título *Pia*, pelo ano 197, podemos concluir que esta inscrição não pode ser anterior a esta data.

Por outro lado, sabendo que aquele G, de feitura singular, frequente nas inscrições orientais e de Pompeia, antes de 79 d. C., mas que, como diz Patrick Le Roux, só aparece na Península Ibérica no século III, somos levados a atribuir esta ara de Saldanha aos princípios do século III.

<sup>6</sup> Conf. R. Bloch — *L'Epigraphie Latine*, P. U. F., 1964, pág. 32.

<sup>7</sup> Segundo Garcia y Bellido, o título *Gemina* deve tê-lo adquirido depois de Abril do ano 69, meses depois da morte de Galba.

<sup>8</sup> Garcia y Bellido, *Veinticinco Estampas de la Espana Antigua*, Madrid, 1967, págs. 122-139.

<sup>9</sup> Agradecemos a P. Le Roux preciosas sugestões de que nos aproveitamos.

<sup>10</sup> *Opa. cit.*